

Distúrbios mentais inspiram cinema

Por Carolina Ramos

Uma lista infindável de produções nas áreas de literatura, cinema e teatro manifesta o interesse de seus autores pelo conhecimento científico. Isso acontece principalmente entre os cineastas, especialmente em uma área de estudo que desperta a curiosidade por tentar desvendar e compreender melhor a natureza humana: os transtornos mentais analisados pela psicanálise e psiquiatria.

Rico em obras inspiradas nos mais diversos campos da ciência, o cinema se destaca por apresentar em algumas produções uma forte crítica à psiquiatria, mais especificamente no que diz respeito ao tratamento dos distúrbios mentais que, em determinada época, podiam ser interpretados como brutais. “Temos um longo período de crítica contra a psiquiatria nos anos 70 do século passado, ilustrado especialmente pelo filme *Um estranho no ninho*”, comenta o médico José Paulo Fiks, doutor em comunicação social e autor de quatro livros relacionando psiquiatria e cultura.

O filme mencionado por Fiks – cujo título original é *One flew over the cuckoo's nest*, de 1975, de grande sucesso e ganhador de muitos prêmios, entre eles cinco Oscars – é estrelado pelo ator Jack Nicholson, interpretando um detento rebelde chamado Randall McMurphy que finge ser louco para ser transferido para um asilo onde, ele imaginou, seria mais fácil viver. Lá, é submetido à lobotomia, técnica que consiste na retirada de uma parte do cérebro de pacientes com certos tipos de doenças mentais como forma de acalmá-los. Para casos assim, a lobotomia não é mais praticada, dando lugar aos medicamentos ou psicoterapia.

Para Fiks, as pazes da psiquiatria com as artes começaram a ser feitas pela literatura. “Vários autores, como William Syron em *A escolha de Sofia*, e outros, abriram suas depressões via literatura. Hoje, vemos entre os livros mais vendidos vários títulos que tratam de desordens mentais, a exemplo de depressão, transtorno bipolar, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) e transtornos de personalidade”.

Já no cinema, é a partir dos anos 90 que tem início a produção de alguns filmes que tentam retratar o transtorno mental de forma mais próxima à clínica, muito provavelmente acompanhando a evolução dos tratamentos psiquiátricos, que passaram de técnicas de tratamento como a lobotomia para a medicação e a psicoterapia. Exemplos não faltam. Destacando-se apenas alguns, tem-se o retrato do transtorno obsessivo-compulsivo (TOC) em *Melhor é impossível* (*As good as it gets*, 1997), protagonizado pelo ator Jack Nicholson que, novamente, encarna um personagem fora dos padrões de comportamento estabelecidos; o transtorno bipolar como foco em *Mr. Jones* (*Mr. Jones*, 1993), drama estreado pelo ator Richard Gere, e *Garota interrompida* (*Girl, interrupted*, 1999) que trata de depressão e de transtornos de conduta alimentar e que rendeu um Globo de Ouro e o Oscar de melhor atriz coadjuvante à atriz Angelina Jolie.

Essa ampla galeria de personagens portadores de transtornos mentais nem sempre é ficcional, mas também artistas e personalidades, vítimas desses distúrbios têm sido retratados no cinema. São pessoas que fizeram história em vários campos artísticos e na ciência. Dois deles são retratados nos filmes *As horas* (*The hours*, 2002) abordando vários quadros depressivos e de ansiedade que atormentavam a escritora Virginia Woolf, e *Uma mente brilhante* (*A beautiful mind*, 2001) contando a história do matemático John Nash, ganhador do Prêmio Nobel de Economia em 1994, portador de esquizofrenia.

Os filmes, peças e livros que abordam essa questão, acabam provocando uma “divulgação” das doenças mentais, o que tem como consequência o aumento da procura pelos consultórios médicos. “Os pacientes chegam em busca de esclarecimento. Mas outro aspecto importante é a diminuição de preconceitos. Quando determinado assunto polêmico, como o transtorno mental, a psiquiatria, a psicoterapia e, especialmente, o uso de psicotrópicos é trazido à tona, o debate tem sido imediato. Isso ajuda a difundir as questões levantadas pelos diagnósticos e pelos tratamentos, o que é extremamente positivo para todos”, avalia Fiks.

Essa divulgação não se restringe ao campo psiquiátrico e colabora com a ampliação do conhecimento na área das doenças neurológicas, a exemplo do autismo no caso do filme *Rain man* (*Rain man*, 1988) – que deu o Oscar de melhor ator a Dustin Hoffman em 1989. O filme contribuiu para a divulgação do autismo mais do

que todos os artigos científicos já escritos sobre o assunto, na avaliação do médico neurologista Edson José Amâncio. Já o filme argentino *O filho da noiva* (*El hijo de la novia*, 2001), elogiado pelos críticos e ganhador de muitos prêmios, retrata de maneira emocionante o caso da personagem Norma, uma vítima de Alzheimer.

Além disso, o impacto das produções cinematográficas pode, por outro lado, influenciar os caminhos da própria ciência. Um exemplo é, mais uma vez, o filme *Um estranho no ninho*. “Essa produção ajudou a soterrar a lobotomia, usada até pouco tempo”, comenta o neurologista Amâncio. A técnica foi desenvolvida pelo neurologista português António Egas Moniz (Egas), e garantiu a ele o Prêmio Nobel de Medicina e Fisiologia em 1949. Nos Estados Unidos, onde a lobotomia foi aprimorada, mais de 30 mil cirurgias foram realizadas. “Era uma técnica consagrada no tratamento de esquizofrenia, entre outros transtornos. Afinal, ainda não havia remédio para esses casos”, diz Amâncio.

Arte inspira ciência

Se, por um lado, é possível concluir que a ciência inspira a arte, seria possível então admitir que a relação é recíproca? A resposta positiva em relação à psicanálise, que encontra material fértil nos artistas e em suas produções para a construção de suas teorias situadas no campo dos distúrbios mentais. O médico psiquiatra Cláudio Rossi, em seu artigo [“Arte e psicanálise na construção do humano”](#), coloca: “como se sabe, boa parte das teorias psicanalíticas, posta em termos científicos, baseou-se em obras de arte. Freud não escondia sua admiração por Shakespeare e por Goethe. Seu estudo sobre a obra e a vida de Leonardo da Vinci foi fundamental para expor suas teorias sobre a sexualidade e em Wilhelm Jensen encontrou um bom apoio para sua teoria sobre a psicose. Isso para não dizer que a pedra angular de sua construção encontrou no *Édipo rei*, de Sófocles, sua possibilidade de vir à luz”.

Não é só na psicanálise que é possível encontrar relações entre as produções artísticas e a ciência. A neurologia também encontra na arte explicações que contribuem para o avanço do conhecimento da área. Por exemplo, a primeira descrição da epilepsia do lobo temporal foi feita por um escritor – Fiódor Dostoiévski – e não por um médico. “A neurologia rende tributo a Dostoiévski. Ele – que sofria de epilepsia do lobo temporal – foi o autor da primeira descrição, no romance *O idiota*, da aura (estágio que antecede a crise epilética) com alegria e êxtase”, comenta Amâncio, um profundo conhecedor da obra do escritor russo e autor de vários artigos, ensaios e de um romance, ainda não publicado, sobre ele.

O livro *Proust foi um neurocientista – como a arte antecipa a ciência* aborda justamente o fato de artistas tomarem a dianteira em alguns casos. Em seu artigo [“Madeleine, sinapses e neurônios”](#), publicado na edição de 26 de fevereiro deste ano do jornal *O Estado de S. Paulo*, o autor Sérgio Augusto comenta o lançamento dessa obra: “Na capa poderia estar o pintor Paul Cézanne ou o compositor Igor Stravinsky ou o poeta Walt Whitman ou as escritoras Virginia Woolf, Gertrude Stein e George Eliot, pois todos estes (...) anteciparam descobertas da neurociência e sacaram verdades (reais e tangíveis) sobre a mente humana que só agora a ciência está ‘redescobrando’, segundo o autor do livro, Jonah Lehrer”.